

Meu caro Milton, Così fan tutte: Pensei muito sobre tua afirmacao aparentemente absurda que a TV brasileira e "boa". Aprendi que teus absurdos escondem geralmente analises agudas. E o Viki, de passagem por aqui, me contou que o Claudio Abramo defendeu tese semelhante durante evento em B. Horizonte, e que o Viki o atacou de hipocrisia. O problema e este: quais os criterios a serem aplicados em juizos relativos a "qualidade" de TV, (e de mensagens tout court)? Quais criterios te levam a formular tamanho absurdo? Resposta que te proponho: quanto mais redundante determinada mensagem, (quanto menos sorprendente), tanto melhor comunica, e quanto mais tal redundancia for mascarada por aparente variedade, (publicidade, imagens sensacionalistas etc.), tanto mais a comunicacao se passa como se fosse informativa. Segundo tal criterio, a demagogia e a retorica perfeita. Mas dizer isto, exige analise um pouco mais atenta.

Mozart escolheu para a sua opera um titulo que se quer redundante: "Assim fazem todas as mulheres". Nada de surpreendente deve ser esperado; todas as mulheres fazem como Fiordeligi. Na realidade, por certo, nada mais surpreendente que o comportamento de Fiordeligi: trair o amado no dia mesmo da sua partida, e continuar a ama-lo nao obstante. O mesmo vale para a musica: totalmente redundante, tipica opera rococo italiana. Na realidade, cheia de inovacoes, de verdadeiras revolucoes na composicao operatica, e na concepcao do contra-ponto. Ao nivel da receptividade: aparentemente musica leve, facilmente cantavel e guardavel na memoria, nada mais que uma hit parade. Na realidade de complexidade quase inimaginavel, e muito dificil a ser cantada. Aparentemente "bonitinha", na realidade de insuportavel beleza. Nenhuma mulher, nenhum compositor, nenhuma opera no mundo fazem assim: "Così fa nessuna". Pois a TV fez o que Mozart tem feito: aparentemente imagem "objetiva" de cena em teatro. Na realidade reveladora de aspetos inteiramente insuspeitos. Por exemplo: a tragedia na comicidade do comportamento de Fiordeligi, ou a qualidade de musica de camera na orquestracao mozartiana.

Pois quando disse que certos programas TV podem ser "bons", (Exemplos: o barroco que voce viu, certas imagens sinteticas, certas "reportagens" sobre eventos e gente, ultimamente estudo do rosto de Foucault enquanto discutia com Serre o problema "Objeto contra palavra"), pensei nisto; em medium aparentemente redundante e de facil consumacao, informacao rica. Voce preza o oposto: aparente riqueza de informacao, com consumacao facil. Sao duas tendencias atuais que divergem. Uma aponta totalitarismo aparelhistico, (TV brasileira), a outra sociedade de informacao, (certos momentos na TV europeia). E receio que voce tem razao: a TV brasileira aponta a direcao que provavelmente saira vencedora. Por favor, reaja. Abracos e saudades.

NV, CP 1449, 01415 SP.

Meu caro Milton, grato por tua carta de 5/7. Pena que voce nao me contou das discussoes no "Progresso da Ciencia". Passarei rapidamente de tratar dos dois pontos da tua carta, para abordar terceiro tema:

Carne: Concordo quanto a relatividade de toda distincao. Escolhi o "relatum" morte, para existencializar o problema. O "relatum" religiao me parece mal definido, ja que a vedanta e o budismo nao sao religioes no sentido ocidental do termo. Mas o que me parece importante e que tal discussao coloca o problema do dogma, de maneira que nao se pode partir dele como de um pressuposto, mas pelo contrario ir em direcao dele como meta. Por certo; Jesus re-incarnado, (Emaus), aparecera diferente sob o dogma cristao que Vishnu re-incarnado sob o dogma dos Vedas. Mas o problema e precisamente perguntar por que os dogmas sao diferentes. Em outros termos; se distinguir e atividade relativa a algo, visa precisamente por em evidencia o "relatum". Se distingo entre mamiferos e aves em relacao a vertebrados, ponho em evidencia o problema "vertebrado". Veja-se Heidegger: Identitaet und Differenz, e a posicao renascentista "similia similibus curantur". Gostaria de ouvir-te sobre este ponto.

Tecno-imagens: Voce leu meu manuscrito sobre o assunto. E voce sabe que estou convidado para participar do juri do Festival de Cinema, TV e Video no Rio de 18-27/11/84. Se te consultei sobre as tuas opinioes a respeito, foi para aproveitar da tua visao incorrupta por especializacao excessiva. O que acontece e isto; as novas tecnicas de sintetizacao e de mixagem, cheias de virtualidades revolucionarias, caíram nas maos de media jobbers da 6a. Avenida, (e em Toquio), para sustentarem a programacao manipuladora. Agora, por razoes economicas, os video-clips, ("enlatados"), comecam a serem produzidos no terceiro mundo, (sobretudo na Tunisia, mas tambem no Brasil, em Taiwan e, em massa, na India), e inundam as TV do mundo inteiro. Aspecto do imperialismo informatico especialmente repulsivo. O que te sugeri nao e que tais "enlatados" faltam na TV europeia, mas que la ha tambem outra tendencia, muito mais interessante, mas muito fragil, precisamente porque a TV tipo "Brasil", (isto e: programada em NY e executada no terceiro mundo), vai ganhando. Voce tem razao; ou a cultura pre-TV conseguira formular-se em termos telematicos, e entao teremos nova cultura, ou entao nao conseguira, e teremos o totalitarismo redundante de programas auto-alimentados e centralmente programados.

Papel: Entre os multiplos eventos atualmente em curso na Provenca, (vimos a Terra nascendo sobre a Lua em programa apresentado por astronautas, dei conferencia no "vivo e artificial" em Avignon, vimos Shakespeare japonizado por Mnushkin, audiovisual sobre a capela infernal de San Severo em Napoli, hologramas transformados em tapetes etc.), ressalta exposicao de objetos em papel e outras fibras. Fui convidada a escrever a introducao a isto. Ai me dei conta da "papelidade". Explico: o homem e bicho que transmite informacoes adquiridas para que sejam armazenadas. E obvio que vai escolher suportes que guardem a informacao por tempo longo; marmore, bronze. (Tabuas da lei, estatuas, em suma; monumentos). Mas nao foi nem brnze nem pedra, mas papel o suporte decisivo no Ocidente, (nao tabuas, mas biblia). Porque a informacao nao penetra o corpo do papel, como o faz com a pedra, mas assenta levemente, e pode ser transportada de papel para papel, ("copiada"). Precisamente por

ser o papel "desprezível" como suporte, (queima, voa no vento, desintegra-se), e ele o portador da nossa cultura. Pois atualmente o papel vai desaparecer da cena. As informações flutuam em campo eletro-magnético, e são armazenadas em chips de silício, (ou outras coisinhas mais eficazes, se sou bem informado). O papel vai desaparecer, não por "pitié de nos forets", mas porque o valor não mais está no suporte objetivo da cultura, mas na mensagem mesma. E é precisamente em tal momento de crise do papel que vamos descobrindo a sua beleza, a "papelidade". Já que não mais precisamos colocar símbolos sobre papel, podemos manipulá-lo com os dedos.

A coisa vai longe, e darei aqui apenas dois passos. (1) O desaparecimento do papel, deste mais desprezível dos objetos, mostra o declínio da objetividade. Conhecimento não mais enquanto adequação do sujeito ao objeto, mas enquanto decodagem da mensagem por receptor participante de convênio. Valor não mais enquanto o dever-ser de um objeto, mas enquanto modelo de comportamento. Arte não mais técnica para modificar a forma de objetos, mas enquanto projeção de modelos de vivências concretas. Com o papel desaparecido a cultura ocidental será outra. (2) Proponho modelo: primeiro as informações são introduzidas no corpo do objeto, (faca, estatueta, barro mesopotâmico). Depois são levemente sobrepostas sobre papel, (textos manuscritos, desenhos, fotografias). Finalmente são projetadas para o campo eletro-magnético, e passam a ser simultaneamente efêmeras e eternas. E como se as informações morassem primeiro nos objetos, depois se tivessem liberdade dos objetos para assentarem sobre papel quais borboletas, e agora estão começando a voar livremente. "Behold, the bird is on the wing". O império do papel, (a rigor entre 1450 em Fontaine de Vaucluse, introduzido da China por Petrarca, e 1975 em New York, primeiro teleprinter cablado), se revela estágio intermediário entre cultura dos objetos e cultura de informações puras. O que me leva de volta a dicotomia "corpo-alma". Daqui há pouco o corpo vai se tornar redundante.

Ontem Dinah, Viki e Elisabeth nos deixaram. Dinah para ir para Israel, Viki e Elisabeth para voltar a Campinas. Minha cabeça e minhas entranhas, (alma e corpo), ainda são perturbados, o que talvez transpareça desta carta. Tenha compreensão por isto, e mando-te meus abraços, na esperança de ver-te o mais tardar em novembro, (Hotel Nacional, Rio, of all places).